

A RESISTÊNCIA DOS ESTUDANTES AO PROJETO DE ADMINISTRAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ANÁPOLIS/GO PELAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

Layla Maria de Aguiar¹(IC)*, Veralúcia Pinheiro² (PQ).

¹Aluna do curso de História, PIBIC/CNPQ, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas, email: laylaaguiar2090@outlook.com

²Docente do curso de História, Universidade Estadual de Goiás Anápolis/GO

Resumo: Neste artigo apresentamos dados da pesquisa acerca do movimento de ocupação das escolas públicas pelos estudantes em Anápolis, em 2016. A partir de estudos teóricos sobre os movimentos sociais e também por meio de entrevistas buscamos refletir as ações de resistência dos secundaristas contra a gestão das Organizações Sociais (OSs). Em resposta a luta organizada dos estudantes, o governo do Estado desencadeou um processo repressivo, que consistiu em perseguir os estudantes tanto no interior das escolas ocupadas quanto nas ruas da cidade. Por sua vez, a grande imprensa em aliança com o governo, durante todo o período da ocupação se esforçou para construir uma representação dos estudantes como vândalos e baderneiros. Contrapondo-se a isso os estudantes diariamente divulgaram nas redes sociais a organização e o zelo dos estudantes com suas escolas. Desse modo, é possível afirmar que os estudantes foram vitoriosos não permitindo a manipulação do movimento por partidos políticos e sindicatos e ainda alertaram a sociedade para o significado social e político da terceirização das escolas públicas por meio das Organizações Sociais. Nesse sentido, é emblemática a frase adotada pelo movimento “Ocupar é resistir”.

Palavras-chave: Organizações sociais. Secundaristas. Movimento social.

Introdução

As discussões que desembocaram nas ocupações das escolas públicas em Goiás tiveram início no ano de 2015, a partir da participação dos secundaristas em debates e reflexões desenvolvidos pelas universidades sobre a temática da escola pública e as Organizações Sociais – Oss. Por outro lado, as informações sobre o movimento de ocupação das escolas em São Paulo em resistência a proposta do governo de fechamento de parte das escolas de forma autoritária, sem diálogo com a comunidade escolar, certamente serviu de alerta para os estudantes goianos que já trocavam experiência com os estudantes paulistas. É importante destacar que antes das ocupações, o movimento estudantil já estava inserido nas lutas sociais, exemplo disso é o movimento passe livre (MPL). Este movimento constituiu-se em uma ramificação do movimento do transporte coletivo e se tornou um pilar de

interligação entre os movimentos populares, cujo ápice foram as manifestações de 2013 contra o aumento da tarifa do transporte. Nesse sentido, as lutas desenvolvidas pelos estudantes em Anápolis, no ano de 2016 em forma de ocupação das escolas, contra o projeto de transferência da administração de suas escolas pelas Organizações Sociais, possui em comum com o MPL, a rejeição à burocracia, como se pode observar na fala de Germana¹ que nos concedeu entrevista sobre o movimento de ocupação das escolas em Anápolis.

Quando participei da ocupação eu estudava no Colégio Polivalente Frei João Batista estava no 1º ano do ensino médio. Antes da ocupação participei de algumas reuniões sobre a terceirização e foi assim que fui conhecendo... Antes dos meninos irem ocupar, teve várias reuniões com os universitários que também explicavam o que era as OSs e tal [...]. Mas, antes da ocupação teve uma assembleia com os professores e toda a direção. Mas a gente sempre deixou claro que 1 Para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, os nomes são fictícios. não ia aceitar nenhum tipo de interferência desses partidos e coisas do tipo. (GERMANA, Estudante).

A fala dessa estudante nos mostra que, para além da luta contra a terceirização, via Organizações Sociais, a partir das ocupações das escolas em Anápolis, em 2016, a luta dos estudantes se constituiu em torno do direito a liberdade, pelo direito de exercerem a condição de sujeito de sua educação e de própria história. Em outra entrevista, Rogério, também nos fala da atuação dos grupos partidários e a tentativa realizada por estes grupos para dirigir e manipular o movimento, retirando desse modo, o protagonismo dos estudantes. Portanto, para o estudante, os movimentos partidários como sempre tentaram se apossar da autoria das ocupações,

quiseram tomar frente, muitas vezes teve muita disputa, muita briga, sabe? muita divergência, foi um embate que durou quase todo período de ocupação, a gente tentando desvincular a imagem dos partidos e os partidos sempre tentando vincular a imagem deles ao movimento, mas a gente nunca permitiu, apesar ter tido sim escolas ocupadas prioritariamente por partidos né, mas que fique claro que isso foi manobra deles, chegaram em escolas mais afastadas onde o movimento não tinha alcançado ainda e já fizeram seu trabalho de base ali e ocuparam basicamente com seus militantes, mais por aquele fato de tentar tomar a luta pra eles. Mas, o movimento de ocupação das escolas sempre se organizou de maneira horizontal, sem a bandeira e sem o protagonismo de partidos políticas. A gente teve sim militantes que compuseram o movimento do início ao fim que são de partidos, que são de organizações, mas quem compôs o movimento sempre teve bem claro na mente que a bandeira a ser levantada aí era a bandeira do movimento e não do seu partido. (ROGÉRIO, Estudante).

¹ Para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, os nomes são fictícios.

Assim, desatrelados de Partidos Políticos, sindicatos e até mesmo de associações estudantis burocraticamente constituídos como a União Nacional dos Estudantes (UNE), o movimento ganhou apoio de parte dos pais, professores de suas próprias escolas e também de professores universitários. As redes sociais mostravam cenas de estudantes cuidando de suas escolas, cenas que os grandes meios de comunicação não mostravam, pois comprometidos com o governo, insistiam em apresentar os estudantes como vândalos, baderneiros.

Tudo isso, desmontava a representação construída pelos setores dominantes, segundo a qual os estudantes das escolas públicas são violentos e por isso mesmo, depredam suas escolas em contraposição com o Estado que busca organizar e proteger o patrimônio público. Por um curto espaço de tempo os estudantes conseguiram mostrar para a população a inversão desses papéis. Além da fala dos estudantes que expressaram seus valores e que denunciaram a presença do machismo, do patriarcalismo e da homofobia que ainda hoje se faz presente no interior das escolas, estes estudantes demonstraram o gosto pela liberdade e a intenção de se organizar de forma autônoma sem os antigos líderes que insistem em estabelecer uma relação de dirigentes e dirigidos.

Nesse sentido, foi também realizado entrevista com professores que apoiaram o movimento e que expressaram concordância com as novas demandas dos jovens, além de compreender que tal luta diz respeito a todos, estudantes, professores, pais e, por isso optaram por apoiar as estudantis. Para o professor Samuel,

os meninos foram completamente desmerecidos quando começaram a fazer a movimentação, os casos mais frequentes eram de insultos que colocavam em dúvida a seriedade das intenções que os levaram a decidir pela ocupação. Como se eles não soubessem o que pretendiam para seu próprio futuro. (SAMUEL, Professor).

Os Movimentos sociais dirigidos por estudantes tornaram se mais fortes a partir da década de 1960, todavia alunos tão jovens dificilmente estavam inseridos nesse ambiente de luta. Porém, nas ocupações de 2016, os secundaristas demonstraram a força e a importância de um movimento realizado pelos próprios interessados, independente da formação intelectual e da idade.

A solidariedade dos estudantes e professores universitários constitui-se em um elemento importante de análise. Pois, o isolamento de um movimento representa

quase sempre seu fracasso. Assim de acordo com Rogério o debate e as mobilizações sobre as

Organizações Sociais se deu primeiramente por parte dos professores universitários e alunos universitários. A ideia de ocupação surge quando o movimento secundarista entra na luta, daí eles, os secundaristas começam a se organizar num pequeno comitê com assembleias periódicas e a ideia de ocupação foi construída aí, e desde o início do comitê os meninos sempre prezaram pelo contato com os meninos de São Paulo que já estavam ocupando, pra saber como ocupar. O pessoal de São Paulo fez uma cartilha chamada “Como ocupar sua escola” de uma maneira bem didática, dez passos assim, a gente fez uma similar, antes de ocupar e partimos dela para nos organizar. Quando a gente ocupou a gente tentou se organizar num movimento totalmente horizontal a priori e foi assim se consolidando num movimento horizontal, a gente tirou comissões, deliberou tarefas, e tentamos entrar num senso comum de coletividade mesmo, que é o necessário para essa autogestão funcionar. (ROGÉRIO, Estudante).

Ora, a crise da educação atual se expressa no aprofundamento da dualidade que historicamente marcou a educação e a sociedade brasileira. Desse modo, a descaracterização do ensino como lugar de socialização e de inserção no mundo por meio do conhecimento se constitui numa necessidade objetiva do próprio neoliberalismo. A tentativa de transferir a administração das escolas públicas para as Organizações Sociais, totalmente descomprometidas com a escola pública, representa o projeto de construir uma escola mais adequada aos propósitos dos ajustes estruturais demandados pela ordem capitalista global, projeto este que ao mesmo tempo em que ataca os direitos sociais de estudantes e professores inviabiliza a escola como *locus* de produção do conhecimento, já que isso demanda justamente o questionamento da realidade.

Material e Métodos

Para construir os dados presentes nesse artigo nos dedicamos ao estudo de diversos textos que contribuíram para o aprofundamento acerca dos movimentos sociais em especial sobre a temática das resistências estudantis. Além de textos teóricos consultamos documentos oficiais tais como leis e decretos buscando compreender as bases legais em se sustenta o projeto governamental de transferência da administração das escolas públicas para as Organizações Sociais.

Quanto a pesquisa de campo, realizamos entrevistas com professores e alunos do ensino médio. Tais entrevistas foram essenciais para o esclarecimento de nossas dúvidas acerca da organização cotidiana no interior das escolas ocupadas. Os Cartazes e panfletos produzidos pelos alunos durante as ocupações também foram utilizados como material de análise no desenvolvimento desta pesquisa. O conteúdo de um panfleto produzido pelos estudantes durante a ocupação do Colégio José Ludovico de Almeida, embora apresente as próprias limitações dos jovens do ensino médio, deixa claro, ao mesmo tempo que do ponto de vista político e cultural, estes estudantes têm clareza dos reais objetivos da transferência das escolas públicas para as Organizações Sociais. Diz o panfleto:

Ao entregar as escolas para as organizações sociais permitirá abrir as possibilidades para o aluno matriculado numa escola vinculada à OS perder direito a cota a reserva de vagas, que reserva 50% das vagas para alunos de escolas públicas, isso pode ser conferido nas cláusulas das cotas de qualquer edital de institutos e universidades federais. A terceirização abre as portas para a cobrança de mensalidades, isso a torna inviável para a população mais carente. Além de servir para lavar dinheiro sujo de políticos ladrões e outras falcatuas. – Estudantes do Colégio José Ludovico de Almeida.

Resultados e Discussão

A partir da reflexão sobre a resistência estudantil feita por autores que se debruçaram no esforço de entender os movimentos sociais e estudantis, ousamos dar os primeiros passos rumo a compreensão sobre a complexa temática relacionada aos movimentos sociais e assim, voltar nossa atenção para os dados acerca da resistência dos estudantes de Anápolis contra as Organizações Sociais.

As entrevistas realizadas com os alunos e professores que participaram ativamente das ocupações deixam claro o caráter democrático e autônomo adotado pelo movimento de ocupação das escolas. Essa ausência de autoritarismo que caracteriza os movimentos que reproduzem a relação, dirigente e dirigido pode ser percebida na fala do professor Samuel, que explica de forma clara sua participação no movimento.

Nós fomos certa vez conversar com a secretária de educação, mas deixamos bem claro que eu não era o líder do movimento, isso porque queriam achar um bode expiatório até mesmo para ludibriar os estudantes. Mas, estávamos na ocupação por eles, e continuaríamos ali até quando eles quisessem [...]. Pois, o movimento é deles, então como uma proposta de

movimento horizontal são eles que precisam ouvir e tomar a decisão no que é melhor para eles. (SAMUEL, Professor).

É preciso ainda apontar a forte repressão que os estudantes enfrentaram dentro das escolas ocupadas, mas que se estendeu após o fim das ocupações. Tal repressão se dava por meio das notícias, que representavam os estudantes como invasores e vândalos e também por meio da própria ação da polícia e de alguns pais que se transformaram em uma espécie de milicianos defensores das propostas do governo, dispostos a agredir os estudantes, então paravam na porta do colégio e em

alguns lugares soltaram rojão pra dentro do colégio, em outros colégios ficaram na porta pra tentar intimidar como foi o caso do polivalente. Repressão também da polícia, a polícia ficava rodeando o colégio, se ficasse acordado de madrugada, porque a gente fazia ronda de madrugada, e de madrugada a gente sempre via a luz da polícia dando volta lá e fazendo barulho. E às vezes eles ficavam próximos dali e percebiam o rosto das pessoas que estavam ocupando e perseguiam essas pessoas. Isso durante e até depois do fechamento das ocupações- (LUCIANO, Estudante).

Nesse sentido o apoio de professores foi fundamental, como nos fala o Professor Samuel, pois no Colégio Polivalente Frei João Batista

os meninos foram correndo me chamar certa vez porque tinham pessoas cortando a água para impossibilitar os meninos de permanecerem lá, fui então e perguntei a razão daquele ato, eles me responderam que tinham sido mandado por gente importante, fiquei indignado, isso se faz é com bandidos. (SAMUEL, Professor).

O professor discutiu com o grupo que cortava a água da escola, argumentando que tal ação era indigna, repressora, bárbara. Desse modo, acreditamos que, como parte de uma proposta pedagógica, precisamos desenvolver nossa capacidade para ler criticamente os discursos e as imagens que durante a ocupação das escolas foram amplamente divulgadas tanto na grande imprensa quanto nas redes sociais. É preciso estabelecer as relações entre tais discursos e as estruturas de poder.

Considerações Finais

A introdução do conceito de público não estatal e de parcerias público – privada foram adotadas no Brasil durante o governo Fernando Henrique Cardoso e seu

ministro da reforma do Estado (MARE), Bresser Pereira. Advogando as teses da segunda geração do Neoliberalismo, argumentava sobre os limites do intervencionismo estatal, predominante nas teorias desenvolvimentistas e neo-desenvolvimentistas, bem como as lacunas deixadas pelas práticas do “estado mínimo” proveniente da ortodoxia liberal.

Nesse contexto, a gestão por concessão (nova roupagem da privatização) abriu novas perspectivas mercadológicas para o empresariado. Na educação a adoção da Parceira Pública Privada (PPP), possibilita que as Escolas continuem sendo públicas, mas com uma gestão de caráter privado, sendo que o estado passa a transferir recursos financeiros para a administração privada. A introdução deste artifício compromete a histórica bandeira de inúmeros movimentos em defesa da escola pública. Com as PPP's a repetição da insígnia “em defesa da escola pública”, pode na prática ajudar a carrear milhões de Reais para os bolsos do empresariado em sua formatação público não estatal. Por isso, a luta pela gestão pública da educação se apresenta necessária.

Um dos argumentos utilizados para a defesa da privatização disfarçada é que a iniciativa privada seria mais ágil e eficiente que o estado, pesado, lento e burocrático. A Privatização via terceirização seria uma forma de agilizar a qualidade. Porém, de acordo com Freitas (2012) essa crença na eficiência do mercado em detrimento da gestão pública não encontra respaldo nos estudos e dados observados em países no qual a gestão privada da escola pública foi implementada.

Desse modo, o movimento de ocupação das escolas pelos estudantes é perfeitamente legítimo, além disso, concordamos com Sordi e Moraes (2016), os quais afirmam que, ao proporem uma nova dinâmica para as formas das relações sociais até então convencionadas os estudantes expressam uma profunda preocupação em reestabelecer por meio da luta, não só nas escolas, mas também na sociedade, um direito básico que está constituído na esfera da educação. A subjetivação de sentimentos e a interpretação acerca das relações que estão postas nos processos de luta não tratam de meras reivindicações. Para além da luta contra a administração das escolas por grupos privados, os estudantes propuseram ao debate público que a escola assuma uma nova estrutura de ensino e de funcionamento.

Agradecimentos

Ao CNPQ pela concessão da Bolsa de Iniciação Científica;

Ao Programa de bolsa de Incentivo ao Pesquisador da Universidade Estadual de Goiás – PROBIP/UEG.

Referências

COVEM, Eliani. “A nova fase do movimento estudantil no Brasil: do enfrentamento à gestão autônoma”. In: VIANA, Nildo (Org). O movimento Estudantil em Foco. Goiânia: Edições Redelp, 2016b.

CUNHA, Luiz Antônio. “O legado da ditadura para a educação brasileira”. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 127, p. 357-377, abr.-jun. 2014. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 24.11.2016.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério a destruição do sistema público de educação. In: Educ. Soc. Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr-jun. 2012. Disponível em: . Acesso em: 19 abr. 2017.

VIANA, Nildo. “Os objetivos dos Movimentos Sociais”. Revista Movimentos sociais. Vol. 01, num. 01, jul/dez.2016, pp. 42-87. VIANA, Nildo (Org). O movimento Estudantil em Foco. Goiânia: Edições Redelp, 2016b. SORDI, Denise N. De &

MORAIS, Sérgio Paulo. Os estudantes ainda estão famintos!: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. In: RELIGACION. Revista de Ciencias Sociales Y Humanidades. Num. 2, junio 2016, pp.25-43.